

Responsabilidades com as DST e com os Periódicos Científicos Publicados no Brasil

Mais um ano de intensas atividades, buscando dar visibilidade a algo que é intrinsecamente invisível!

As doenças sexualmente transmissíveis (DST), excetuando-se a aids e as hepatites, são invisíveis, pelo menos aos olhos de muitos administradores da saúde. Apesar de fazerem parte de todos os programas de saúde, não desfrutam da atenção e das verbas necessárias para fazer frente, nem que seja em pequena monta, à avalanche de casos presentes em nossa sociedade.

O JBDST tem-se dedicado a mostrar e provar a importância que as DST têm para a população brasileira sem, contudo, obter êxito completo em motivar as autoridades de saúde e os profissionais de outras áreas para este fundamental problema de saúde pública.

As causas pelas quais isto ocorre não são claras. Apesar de saber do grande apelo social que a aids e o câncer despertam nas pessoas, não é justo que profissionais treinados e pagos para pensar em saúde pública e em “população”, não estejam alertas para este problema.

Os serviços públicos (a maioria) continuam sem ter como identificar corretamente a sífilis (teste confirmatório), o herpes genital, a infecção clamidiana etc. Nos serviços privados, os médicos desconhecem a prevalência e importância orgânica e social das infecções prazerosamente adquiridas (falta de conhecimento e treinamento).

Um dos culpados, sem dúvida, é o sistema de ensino médico, que prioriza a doença em detrimento do doente.

Todos nós médicos fomos muito bem doutrinados em tratar da melhor maneira possível os sinais e sintomas que uma pessoa portadora de uma doença nos traz. Contudo, esta maneira equivocada de pensar desconhece que muitas doenças, especialmente as DST, são completamente assintomáticas. As pessoas portadoras de doenças sem manifestações clínicas dificilmente procuram atenção de saúde em decorrência da afecção. Muitas vão em busca de atenção médica por outros motivos (planejamento familiar, pré-natal, prevenção de câncer de colo uterino). O serviço de saúde, por só pensar em sinais e sintomas, perde uma grande oportunidade de rastrear doenças assintomáticas (exceto aids e câncer) e instituir um tratamento precoce, barato e efetivo.

A ação preventiva, diferentemente da curativa, evita os problemas (doença) e as consequências, quebra a cadeia epidemiológica. As ações curativas, quando empregadas por si só, deixam muitas pessoas doentes sem atenção médica e dão uma falsa impressão de segurança e seriedade. Se isto não fosse verdade, as ações e atitudes de combate à infecção pelo HIV ainda estariam esperando que as pessoas ficassem doentes (aids) para só então iniciar o tratamento. Seria inadmissível!

A ordem é prevenir!

Neste aspecto, nós, do JBDST, julgamos estar contribuindo nestes anos todos de atividade para dar maior visibilidade às DST, especialmente no estágio assintomático das doenças, esperando que, em um período não muito distante, passemos a encarar TODAS as DST de forma preventiva, e não apenas curativa.

Outra atividade importante diz respeito à necessidade de maior valorização dos autores e dos periódicos científicos nacionais. Com muita frequência observamos artigos que omitem, nas referências bibliográficas, autores e/ou periódicos brasileiros.

Outra situação frustrante é acreditar que, publicando apenas em periódico científico estrangeiro, o autor será mais importante e mais lido. Isso pode ser uma grande ilusão. Evidente que temos que publicar para o mundo, mas temos o dever de não esquecer que muitos de nossos potenciais leitores brasileiros (e latino-americanos) não possuem acesso aos textos completos publicados em periódicos científicos comerciais estrangeiros. Já a maioria de nossos periódicos indexados possui acesso livre na rede mundial de computadores.

Se exigimos mais atenção dos gestores, da população e da mídia, não podemos eximir-nos (pesquisadores e autores) de nossas responsabilidades para com a população, que alimenta a rede de insumos financeiros públicos que nos suporta.

PAULO CESAR GIRALDO

Professor Associado Livre-Docente
Departamento de Tocoginecologia da Universidade de Campinas
Campinas, SP, Brasil
giraldo@unicamp.br